As representações literárias de seres mitológicos feitas por Platão: estudo de caso de Orfeu

Mythological representations made by Plato: Orpheus case study

Sami Hiasmin dos Santos Nobre¹

Rafael César Pitt²

1 Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Amapá, Brasil.

E-mail: samihiasmin300@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9539-7543>

2 Professor do Curso de Filosofia da Unifap - Campus Santana, Brasil.

E-mail: rafaelpittunifap@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4045-6574>

RESUMO: Este artigo pretende abordar a representação que Platão fez do personagem mítico. O objetivo é responder à seguinte questão: como Platão representou literariamente Orfeu? Assim, de acordo com esta pergunta traçamos três objetivos para chegarmos à conclusão. O primeiro objetivo tem como meta principal apresentar obras literárias antigas nas quais Orfeu é citado. Isto nos permitirá ter uma perspectiva interna do mundo antigo sobre este personagem, ajudando no momento de julgar a representação feita por Platão. O segundo objetivo traz as citações que Platão fez com o nome de Orfeu. Neste ponto apenas indicamos as obras e seus caracteres literários, sem discutir aspectos filosóficos diversos envolvendo o poeta mítico. E na última parte refletimos sobre os motivos que levaram Platão a citar Orfeu. Nosso resultado é que o filósofo ateniense faz uso literário do personagem em pelo menos dois sentidos, metafórico e poético. Porém, e acima de tudo, Platão faz uso alegórico do nome de Orfeu ao encontrar nele características que são próprias dos sofistas do século IV. Nossa metodologia foi essencialmente bibliográfica e interpretativa. Na conclusão mostramos que o mito de Orfeu foi retrabalhado por Platão de forma criativa e livre, mantendo a fama e glória comumente associadas a este personagem e também o relacionando a novos atores da vida cultural grega.

Palavras-chave: Platão; Orfeu; Sofista.

ABSTRACT: This article aims to address Plato's representation of the mythical character. The goal is to answer the following question: How did Plato represent Orpheus? So, according to this question we set three objectives to reach the conclusion. The first objective is to present ancient literary works in which Orpheus is quoted. This will allow us to have an inner perspective of the ancient world about this character, helping to judge Plato's depiction. The second objective brings the quotes Plato made by the name of Orpheus. At this point we only indicate the works and their respective internal contexts. This is useful for locating the passages and literary situations in which Plato made use of the name of the mythical poet. And in the last part we reflect on the reasons that led Plato to quote Orpheus. Our result is that the Athenian philosopher makes literary use of the character in at least two ways, metaphorical and poetic. But above all, Plato makes allegorical use of the name of Orpheus in finding in him characteristics that are characteristic of fourth-century sophists. Our methodology was essentially bibliographic and interpretive. In conclusion we show that the myth of Orpheus was reworked by Plato in a creative and free manner, maintaining the fame and glory commonly associated with this character and also relating it to new actors of Greek cultural life.

Keywords: Plato; Orpheus; Sophist.

Introdução

A presente pesquisa tem como tema “As representações de seres mitológicos feitas por Platão: estudo de caso de Orfeu”. O problema de pesquisa que nos norteou foi: como Platão representou Orfeu? – e se desdobra assim: quais os termos/caracteres destas representações? Em que contexto e para qual fim? O que estas representações nos dizem sobre Platão? Estas perguntas levantam também hipóteses que ao longo do trabalho testamos a respeito da recepção platônica dos mitos; a reelaboração dos mitos a um novo tipo de uso literário; a relação de Platão com o passado mítico do povo grego (aceitação, rejeição, mera literatura?) – em suma: o que estas representações nos permitem pensar acerca de Platão e do uso que ele faz deste personagem mítico?

Para respondê-las traçamos algumas metas. A primeira foi apresentar uma “imagem” do ser mitológico segundo as fontes literárias antigas. Este objetivo foi realizado no próximo tópico, onde construímos um texto corrente unificando várias citações de autores antigos sobre Orfeu. Se conseguimos algo ali foi reconstruir minimamente a visão interna dos antigos sobre Orfeu, o que serve para nós como parâmetro para avaliar como no século IV Platão o representou.

Um aviso: devido à dificuldade de se encontrar textos gregos antigos traduzidos em português optamos por colher estas citações de outras fontes academicamente reconhecidas como dissertações e teses aprovadas. Isto nos permitiu ampliar o número de fontes antigas para uma quantidade que nós, infelizmente, não dispomos em língua acessível nem tampouco traduzir do original.

Nossa segunda meta foi separar as passagens dos livros de Platão onde o mesmo menciona o nome de Orfeu. Neste segundo momento nos limitamos a apresentar a obra, o contexto e a passagem, ou seja, uma demarcação puramente física do objeto “representação de Orfeu”. Não fizemos ali o debate sobre os possíveis sentidos para Platão ter feito uso do nome de Orfeu, isto é, não discutimos o mérito da questão. Isto será feito na próxima parte do trabalho.

Em seguida questionamos quais teriam sido as razões e significados literários possíveis para Platão ter usado o personagem mítico. E nossa hipótese mais forte a ser comprovada aqui é que Orfeu, para Platão, concentra poderes e habilidades que seriam semelhantes aos dos sofistas. A capacidade de seduzir pelo discurso, de criar seguidores e de inspirar multidões – a retórica – seriam os elementos unificadores entre o personagem da mitologia e o ambiente cultural platônico do século IV a.C.

Com isto caminhou-se para a conclusão do trabalho onde se questiona, senão retoricamente, pelo menos consciente do artifício literário platônico: terá sido Orfeu um sofista?

As fontes antigas

Neste tópico vamos mostrar uma série de citações antigas sobre Orfeu e em seguida comentá-las rapidamente naquilo que cada uma traz de essencial. Esperamos construir uma “imagem” dos antigos a respeito deste personagem tão famosa da mitologia grega.

No livro IV de “Bucólicas y Geórgicas” Orfeu é citado pela perda de sua esposa, vejamos:

Ele não falou mais. Vate, nestas palavras, com um esforço violento,
Ele acabou manchando seus olhos em chamas com uma cor glaucosa
e, rangendo os dentes, sua boca proferiu o oráculo:
“A ira de uma divindade persegue você:

Você cometeu uma ofensa grave. Em seu infortúnio imerecido, Orfeu provocou sua punição e, se o destino não se opuser, Venha duramente a perda de sua esposa. Ela, realmente, jovem mulher destinada à morte, fugindo de você correndo junto ao rio, ele não viu a seus pés, na grama inchada, uma cobra enorme que habitava os bancos. (VIRGÍLIO, 2004, p. 227).

No texto há uma narrativa em torno de Eurídice, mulher de Orfeu que foi morta picada por uma cobra tentando escapar de Aristeu. A citação faz referência à dor que Orfeu sentiu na perda da companheira. A obra visa descrever o sofrimento experimentado pelo amante, cantando para sua falecida esposa, sempre sozinho, esperando até o dia acabar. Esta é uma das referências mais comuns a Orfeu, a saber, aquele que busca consolo e alento na música, no som, nas palavras. Aqui está posto como experiência subjetiva um dos dons mais poderosos do personagem mítico, a saber, o poder de moldar o estado emocional pela lira e pelo canto.

O autor de peças de teatro Eurípides, em “Medéia”, enfatiza Orfeu a partir de sua música.

Todos os gregos perceberam que eras sábia e tornaste-te famosa; se habitasses nos confins da terra, não sealaria de ti. Que eu não tivesse o ouro em casa, nem cantasse uma melodia mais bela que a de Orfeu, se a fortuna insigne me não tocasse. (EURÍPIDES, s.d., v. 543).

O teatrólogo apresenta Orfeu pelo seu dom famoso com a arte musical, dando a entender que apenas Orfeu tinha o poder de cantar uma bela melodia, tal qual ninguém poderia parear. Orfeu aqui é representado pelo seu modo de cantar e de encantar as pessoas, até mesmo a natureza. Segundo o mito, o poder de sua música era capaz de fazer as feras mais selvagens o seguir, as plantas se curvarem, as pessoas mais rudes se acalmarem e até as pedras levitarem.

Há outra passagem de Eurípides em “As Bacantes” (2015, vv. 556-563) onde Orfeu é enfatizado da mesma forma.

Talvez agora na selvagem Nisa
agitar tirso, Dioniso,
ou nos picos de Corico?
Talvez você esteja no arborizado
vale do Olimpo, onde
uma vez Orfeu citarista
atraídos pela floresta com as músicas,
Ele domou as feras selvagens (EURÍPIDES, 2015, p. 43-4).

Como Orfeu tem o poder de encantar a quem quer que seja, pode andar por todos os locais sem medo do que pode vir a encontrar, afinal seu canto pode dominar uma pessoa que esteja com maldade para com ele, ou amansar um animal furioso. Neste sentido, Orfeu podia andar como um deus entre mortais sem temer quaisquer perigos.

Ésquilo, também famoso por suas peças teatrais, oferece em “Os Persas” (2015, vv. 234-238) uma das variantes mais fortes do mito, a saber, aquela na qual Orfeu é o construtor do instrumento musical lira. Outras versões sobre a origem deste instrumento conferem a Hermes este feito. Da forma como o teatrólogo põe a questão fica patente o poder de Orfeu sobre a música como um dom divino restando depois

dele apenas a ordenação dos estilos sonoros.

Primeiro construiu a lira
Orfeu de variado canto,
Filho da piedosa Calíope
E depois disso Terpandro em dez
Cantos ordena a música. (ÉSQUILO, 2015, p. 39).

Orfeu dominava a habilidade de manusear vários instrumentos como a lira, a cítara e a Phorminx¹. Assim, há passagens citando alguns desses instrumentos. Na “IVª Pítica” de Píndaro (2015, vv. 176-177), o autor enfatiza o dom de Orfeu do canto e sua arte de tocar um dos seus instrumentos mais peculiares, que é a phorminx, fazendo uma relação com Apolo, outro personagem da mitologia comumente relacionado à musicalidade e, em uma versão forte do mito, é dito pai de Orfeu.

E de Apolo vem o mestre na *phorminx*, pai do canto
O muito louvado Orfeu. (PÍNDARO, 2015, p. 40)

Na citação, Píndaro caracteriza Orfeu como alguém que tem muita fama, ou seja, alguém muito “louvado”. Isto nos mostra um aspecto importante para o que trataremos ao final deste trabalho, a saber, Orfeu dispunha de seguidores, admiradores, pessoas que o seguiam e que o tomavam como digno de ser ouvido. Isto significa que Orfeu possuía o poder de influenciar multidões ou grupos de pessoas, o que na época de Platão – séculos adiante – será uma habilidade sofista extremamente poderosa dentro das discussões da ágora.

Pseudo-Plutarco – autor ou autores sobre o qual até hoje não se chegou a uma definição identitária - faz uma passagem interessante sobre Orfeu em seu texto “Sobre a Música” (2015, 5.1132f):

[...] é que Terpandro tomou por modelo os versos de Homero e as melodias de Orfeu. E claro que Orfeu, por outro lado, não imitou ninguém, pois antes dele não houve ninguém, senão os compositores de peças aulódicas. Mas as obras de Orfeu não se parecem em nada com as obras desses. (PSEUDO-PLUTARCO, 2015, p. 41).

Nessa passagem Terpandro usa o exemplo de Orfeu como modelo afirmando que sua música e suas obras não podem ser comparadas com nenhuma outra. Além de únicas, Orfeu não imitou ninguém, pois antes dele não houve alguém que pudesse ser tão capaz de executar a música. Isto põe Orfeu no papel de fundador, o que para os gregos é sempre algo associado aos deuses.

De maneira geral Orfeu sempre é enfatizado por sua capacidade de atrair as pessoas através da música. Na maior parte das vezes há menção à lira ou cítara, sempre destacando o poder encantatório de seu canto. Com todo esse poder de conquista através da música, Orfeu vai ao Hades tentar recuperar a esposa morta por uma picada de cobra. Ali no submundo Orfeu conseguiu dobrar as vontades de Hades e Perséfone cantando sobre as dificuldades do amor não correspondido. Os deuses permitem que ele leve Eurídice de volta, contanto que na volta Orfeu não olhe para trás, pois pode perdê-la definitivamente.

Orfeu um tanto desconfiado segue para fora dali, mas antes do fim da jornada olha para trás e, como punição, perde definitivamente o amor de sua vida: Eurídice duas vezes morta.

¹ Phorminx era uma espécie de cítara mais leve em forma de meia lua.

Toda esta narração está em Pierre Grimal e seu “Dicionário de Mitologia Grega e Romana” (2005, p. 40-41). Este estudioso define o mito de Orfeu como o mais carregado de obscuridade, simbolismo e tradição. Caracterizado como um mito de grande importância para tantos outros mitos, usando o mito de Orfeu como referência, o autor diz que se tratou com certeza de um dos mitos mais populares na antiguidade e do qual mais foram feitas apropriações e representações.

Os textos de Platão

O livro “Íon” (2011) tem como tema central a poesia. Nele o personagem principal Sócrates conversa com o jovem Íon sobre a validade da poesia, isto é, se esta é fruto de inspiração divina ou fruto do conhecimento. Vejamos a passagem (vv. 533 b – c) onde Orfeu é mencionado:

Sócrates – Com certeza que não, ao que suponho, mas também nunca encontrei uma pessoa que na arte de tocar flauta ou de tocar cítara, de cantar acompanhado da cítara, nem na rapsódia, nunca viste um homem que, acerca de Olimpo, é terrível em fazer a exegese, ou acerca de Tâmiris ou de Orfeu ou de Fêmio, o rapsodo de Ítaca, mas que não tivesse nada a dizer a propósito de Íon, o rapsodo de Éfeso e ficasse embaraçado, sem saber explicar o que está bem ou mal na declamação deste. (PLATÃO, 2011, p. 37).

O contexto desta citação começa alguns versos antes quando Sócrates indaga a Íon se o mesmo conhece casos de diversas artes (escultura, pintura, música) na qual o executor da arte seja bom no que faz e ruim no que julga do que fez. Mais claramente, Sócrates está perguntando a Íon se conhece algum artista/sábio que domine uma técnica sem compreendê-la mentalmente.

O pano de fundo desta questão é se aquele que faz algo (o poeta por exemplo) tem consciência plena do que faz (ou seja, conhecimento teórico). Para o que nos interessa, na citação Orfeu é posto como um ícone em uma das artes (no caso a música). Este uso que Platão faz dele indica que, nesta passagem, Orfeu é uma espécie de símbolo cultural compartilhado, semelhante ao que seria Édipo quanto a má sorte ou Medusa relativo ao perigo de morte. Trata-se de um uso meramente ilustrativo, portanto.

Na continuidade da conversa temos esta passagem (v. 536b):

Sócrates – [...] Um poeta liga-se a uma Musa, aquela a uma outra. Chama-se a isso ser possuído, que é o mesmo que dizer que ser arrebatado. Destes primeiros anéis estão por sua vez suspensos outros homens – de uns ou de outros – que deles recebem inspiração. Uns estão suspensos de Orfeu, outros de Museu, mas a maior parte está ligada a Homero e é por ele possuída. Tu és um desses também, Íon, um dos que são possuídos por Homero e, quando se canta outro poeta, ficas cheio de sono e não tens nada a dizer; mas quando se canta esse poeta te animas imediatamente, a tua alma dança e as ideias sobre o que dizer te chegam em catadupa. (PLATÃO, 2011, p. 45)

Aqui o uso do nome de Orfeu já recebe outra configuração. Percebe-se que, assim como as Musas dotam os poetas de inspiração divina para suas obras belas, Íon “é possuído” por Homero e, também, possíveis outros poetas – aqui não nominados – são possuídos por Orfeu. Ou seja, o contexto aqui é claramente diverso do anterior.

Orfeu é alçado à condição de “força” (divina, superior ou encantatória); poder superior que o poeta recorre antes de declamar. O poeta precisa estar fora de sua faculdade mental ordinária. Enquanto não sentir isso, ou melhor, enquanto não perder sua própria razão, nenhum ser é capaz de fazer poesia ou pro-

ferir oráculos, de acordo com Sócrates, pois é a própria divindade que fala através dos poetas. Daí Orfeu ser associado à perda da racionalidade e da parte teórica da alma.

Outro livro de Platão, “Protágoras” (2002), se ocupa do tema da virtude e se a mesma é inata ou pode ser aprendida. Vamos sempre encontrar Sócrates como principal personagem nos diálogos de Platão. Vejamos o recorte de uma das falas socráticas (v. 315a -b):

Por fim, sem parar de resmungar, o homem abriu a porta. Ao entrarmos, avistamos Protágoras a passear no pórtico; acompanhando-lhe os passos, encontravam-se, de um lado, Cálias, filho de Hipônico, e seu irmão uterino, Páralo, filho de Péricles, bem como Cármides, filho de Gláucone; do lado oposto, o outro filho de Péricles, Xantipo, Filípides, filho de Filomelo, e Antímeros, de Mende, o mais famoso dos discípulos de Protágoras, que estudava com ele para seguir a profissão de sofista. Atrás desses vinha um bando de ouvintes, entre os quais se viam muitos estrangeiros, que Protágoras arrebanhava das cidades por onde passara, atraindo-os com sua voz, como fazia Orfeu, e eles, enfeitiçados, o seguiam. (PLATÃO, 2002, p. 57)

Aqui Sócrates e Hipócrates acabam de chegar nos aposentos dos sofistas procurando Protágoras para um diálogo. Logo que chegam visualizam o filósofo cheio de discípulos em volta, como seguidores ao redor do líder. Na citação está a referência às pessoas que seguem Protágoras, dando a entender que é a mesma coisa que Orfeu fazia com sua música, atraindo as pessoas com sua voz. A ênfase cai sobre a ideia de “enfeitiçamento”, ou seja, uma espécie de domínio alheio sobre a racionalidade das pessoas, quase como uma espécie de subversão da ordem natural: ao invés das pessoas guiarem-se por si próprias, aceitam a guia de outrem que lhes “controla” – os sofistas pelo discurso, Orfeu pela música.

Esta talvez seja a crítica mais forte que Platão faz a Orfeu, apesar de ser velada. As expressões “bando de ouvintes” e “enfeitiçados” sugerem que o filósofo rejeitava tal comportamento “coletivo” das pessoas admiradoras dos sofistas. É claro que Orfeu mesmo, por assim dizer, aqui é um símbolo de “líder de grupos”, e Platão não indica querer problematizar a liderança em si. O problemático e, por assim dizer, o criticável para Platão é este “domínio sobre os outros” que, inevitavelmente, cega e coage os seguidores a continuarem sem pensamento próprio. A perda da capacidade teórica é algo inaceitável para o filósofo ateniense.

Já o diálogo “Banquete” (1991) traz vários discursos sobre o amor. O diálogo começa quando alguns pensadores estão bebendo e começam a se perguntar por que o amor não é tão discutido entre eles, quando finalmente decidem que cada um fará um discurso de louvor ao amor, o mais belo que puder.

Em determinado trecho é posto um exemplo da força do amor que é morrer pela pessoa amada. Tal feito não é exclusivo aos homens, mas acessível também às mulheres. Faz-se a citação de Alceste que dá esta prova aos deuses ao morrer pelo marido. Depois de fazer esse ato tão belo e grandioso, não demonstrou apenas aos homens sua coragem, mas também aos deuses que puderam observar que por mais que os homens tenham feito ações tão boas, não chegam ao nível da mulher Alceste.

Em contrapartida o nome de Orfeu surge como caso contrário ao de Alceste, como protótipo de covardia. Vejamos:

A Orfeu, o filho de Eagro, eles o fizeram voltar sem o seu objetivo, pois foi um espectro o que eles lhe mostraram da mulher a que vinha, e não lha deram, por lhes parecer que ele se acovardava, citaredo que era, e não ousava por seu amor morrer como Alceste, mas maquinava um meio de penetrar vivo no Hades. Foi realmente por isso que lhe fizeram justiça, e determinaram que sua morte ocorresse pelas mulheres. (PLATÃO, 1991, p. 46).

Ou seja, aqui Orfeu é posto como símbolo absoluto da falta do amor verdadeiro pois, ao invés de ter a valentia de morrer pela amante, entra vivo no Hades para implorar pela volta dela à vida. Como sinal divino de equidade sua morte veio pelas mãos das bacantes.

Podemos dizer que aqui Orfeu é mencionado como uma figura literária útil para se discutir aspectos relativos ao amor, no caso, mais próximo de um defeito do que de uma virtude.

Há duas passagens onde Orfeu é citado no livro *Leis* (1991). Na primeira, no livro III, Platão está investigando as origens das constituições. Para tal faz um exercício hipotético no qual a origem da civilização, tal como os gregos a conhecem, seria o resultado recente de um longo processo de barbárie e incultura. Este estado bárbaro e sem qualquer Estado, leis ou constituições teria sido interrompido em algum momento do passado. Vejamos o texto:

Clínias: Queres insinuar que tais coisas permaneceram desconhecidas para os homens primitivos daquela época por milhares e milhares de anos e que há mil ou dois mil anos atrás algumas delas foram reveladas a Déclalo, outras a Orfeu, outras a Palamedes, a arte musical a Mársias e Olimpo, a lírica a Anfion e, em síntese, um enorme número de outras a outros - todas datando, por assim dizer, de ontem ou ante ontem? (PLATÃO, 1991, p. 137).

Tais coisas “reveladas” de que fala a citação são os diversos aspectos da cultura grega, no caso, entendidas como forças civilizatórias conferidas aos gregos pelos deuses. Palamedes foi famoso por suas muitas habilidades guerreiras; Déclalo, ou como é mais conhecido, Dédalo foi o famoso arquiteto construtor do labirinto do Minotauro; Mársias famoso músico; e Orfeu, poeta e homem das artes sociais e aglutinadoras de pessoas em busca de arte.

Percebe-se então nesta passagem que Orfeu é mais uma vez posto por Platão como uma personalidade mítica da qual teria se originado aspectos importantes da vida grega. Trata-se de um uso puramente mítico mesmo, no sentido de que o mito conta a origem de algo que originalmente não era passado a ser.

Em outra passagem das “Leis”, agora no livro VIII, Platão analisa os regimes políticos reais e faz uma hierarquização do mais ao menos ideal. Vejamos um trecho:

O julgamento destes caberá ao educador e ao resto dos guardiões das leis, que lhes concederão o exclusivo privilégio do discurso livre na canção, enquanto nenhum a permissão será dada aos outros, não devendo tampouco ninguém arriscar-se a cantar uma canção não-autorizada, mesmo que seja mais doce que os hinos de Orfeu ou de Tâmiras; (PLATÃO, 1991, p. 327).

Este trecho apenas notou que Platão mais uma vez faz uso poético e literário da figura de Orfeu como símbolo de doce e agradável musicalidade. Por isso a ênfase na proibição de que se execute a canção, mesmo que ela seja melhor do que as de Orfeu.

O livro “A República” (1991) é um dos livros mais conhecidos de Platão e contém ampla abordagem da maioria dos temas da filosofia dele. No livro II temos esta citação:

E produzem grande quantidade de livros de Museu e Orfeu, descendentes, dizem eles, de Selene e das Musas. Regulam os seus sacrifícios por esses livros e convencem não apenas os simples cidadãos, mas também as cidades, de que se pode ser absolvido e purificado dos crimes, em vida ou depois da morte, por intermédio de sacrifícios e festas a que chamam mistérios. Estas práticas os livram dos males do outro mundo, mas, se as desprezarmos, esperam-nos terríveis suplícios. (PLATÃO, 1991, p. 363)

Aqui Platão está fazendo uma crítica explícita aos seguidores do orfismo. São eles que “produzem grande quantidade de livros” sobre Orfeu. E os órficos andavam pelas cidades, assim como os sofistas, oferecendo seus escritos como material para compra e uso individual. No caso dos órficos, eram vendedores de fórmulas salvadoras, expurgadoras, capazes de purgar os crimes das pessoas. Por isso a citação os põe como condenáveis porque, usando de charlatanismo, vendiam seus textos para livrar a pessoa do estigma, mas se as mesmas não os comprassem, estariam condenadas a “terríveis suplícios”.

A outra passagem encontrada na república platônica está no livro final, dentro do longo e obscuro Mito de Er. Er teria sido um soldado que caiu no campo de batalha e, confundido com os mortos, foi posto na pira, porém, acordando, salva-se e traz um relato maravilhoso do que teria visto durante aqueles instantes em que “passeou” fora do seu corpo no mundo dos mortos.

O relato de Er é muito longo e rico, e abaixo trazemos apenas a citação do nome de Orfeu dentro de sua fala sobre reencarnação.

Era um espetáculo das almas que escolhem a sua condição, acrescentava Er, valia a pena ser visto, porque era digno de dó, ridículo e estranho. Com efeito, era segundo os hábitos da vida anterior que, a maioria das vezes, faziam a sua escolha. Ele dizia ter visto a alma que foi um dia a de Orfeu escolher a vida de um cisne, porque, por ódio ao sexo que lhe dera a morte, não queria nascer de uma mulher. (PLATÃO, 1991, p. 468)

Segundo o relato de Er, Orfeu amargurado por ter sido morto pelas mãos das bacantes, rejeitava nascer novamente do ventre feminino e, por isso, escolhera o animal cisne para reencarnar. Aqui é claro que o uso do nome de Orfeu está diretamente relativo ao seu mito original posto em contexto posterior dentro de outro mito, o de Er. Tenha ou não relação direta com o uso que faz Platão do nome de Orfeu, no Oriente, o cisne é símbolo da música e da poesia, para além de representar a coragem, a nobreza, a prudência e a elegância, atributos que são bastante afeitos a Orfeu.

Os motivos de Platão

Na primeira parte vimos as opiniões dos antigos sobre Orfeu, como essas fontes literárias apresentavam e viam o mito. No segundo momento trouxemos uma apresentação dos livros de Platão e sucessivamente as citações nas quais o nome de Orfeu aparecia, fazendo uma breve explicação dessas passagens.

Neste último momento vamos abordar aquele que é, para nós, o principal motivo pelo qual Platão utiliza o nome de Orfeu em seus livros. Em síntese é porque, para o filósofo, o personagem mítico possui poderes, habilidades e características que estão presentes nos sofistas. E como Platão foi defensor da dialética e opositor consistente dos discursos retóricos, entender um pouco sobre o posicionamento do filósofo frente aos sofistas nos ajuda a explicar os motivos pelos usos do personagem mitológico.

Com o objetivo de conhecer e discutir a realidade de uma forma racional surgiram alguns homens na Grécia chamados de “sábios”. A profissão de sofista era caracterizada como a de um professor, com o objetivo de ensinar a *areté* que quer dizer “excelência” ou “virtude”.

Como se sabe o movimento sofístico possuiu longa duração. Nunca deixou de haver sofistas no mundo grego desde o século V a. C. até o final do império romano. Os sofistas foram identificados por sua atividade mais característica, a educação da juventude, e por sua habilidade na composição de discursos. A rigor o título de sofista designa o maestro de eloquência da *paidéia* (a educação do homem grego).

A ideia sofisticada de educação representa um ponto culminante na história interna do Estado grego. É certo que o Estado há séculos havia determinado a forma da vida dos seus cidadãos e que a poesia, em todas as suas formas, tinha celebrado o seu cosmos divino. Mas nunca a tarefa educativa do Estado fora exposta e defendida com tal amplitude (JAEGER, 2003, p. 346).

As críticas da Academia de Platão a esses profissionais menosprezavam sua fama, embora muitos deles preferissem o nome de retóricos ao de sofistas. Em princípio um retórico é alguém que prepara os discursos que irá pronunciar em assembleias políticas e ocasiões cerimoniais, sem excluir a composição de discursos judiciais para serem utilizados por outros ou por ele mesmo. Alguns retóricos aceitavam comunicar suas experiências a outras pessoas e o faziam de modo eminentemente prático, com vistas a uma utilidade imediata.

O termo “sofista” foi criado por Protágoras, discípulo de Demócrito. Sofista significa “especialista do saber”. Embora a aceção do termo seja positiva, depois de algum tempo passou a ficar negativa, sobretudo depois que Platão e seus discípulos se esforçaram para superar o modo de ensinamento dos sofistas. Vale como exemplo deste esforço dos alunos de Platão contra os sofistas uma das principais ferramentas teóricas criadas por Aristóteles, o silogismo. É o que nos ensina o historiador da filosofia Giovanni Reale:

A refutação correta é um silogismo cuja conclusão contradiz a conclusão do adversário. As refutações dos Sofistas, ao contrário (e, em geral, as suas argumentações), eram tais que pareciam corretas, mas, na realidade, não eram, valendo-se de uma série de truques para enganar os inexperientes. (REALE, 2003, p. 231).

Aristóteles e, antes dele, seu mestre Platão sustentaram que os ensinamentos dos sofistas eram “aparentes” e que não estavam preocupados em ensinar a “verdade” aos seus alunos, mas sim, apenas com objetivo de ganhar lucros. A verdade para Platão não estava no campo das aparências (dos fenômenos) e sim no das essências. Reale chama esta dimensão abstrata da filosofia platônica de “segunda navegação”.

A “segunda navegação”, portanto, leva ao reconhecimento da existência de dois planos do ser: um, fenomênico e visível; outro, invisível e metafenomênico, captável apenas com a mente e, por conseguinte, puramente inteligível. (REALE, 2003, p. 139).

Portanto, para Platão, toda habilidade, técnica ou instrumento que trabalhasse no campo das aparências sem recurso metafenomênico estaria, inevitavelmente, do lado contrário da dialética e da busca sincera pela verdade. É neste lado das sensações e das aparências que Platão enxerga os sofistas e, como referência mítica, Orfeu.

Vimos também que Orfeu era “louvado”, isto é, bem quisto pela comunidade. Alguém dotado de fama, renome, reconhecimento coletivo por sua excelência. Os sofistas também eram muito elogiados e bem quistos nas pólis gregas. Muitos filhos de famílias ilustres escolhiam a profissão sofisticada e a participação da política local de sua própria cidade ou daquela em que aprenderam. Como políticos intervinham nos debates da assembleia, representavam a cidade em questões importantes e ofereciam conselhos e ajuda em tempos conturbados. Em ocasiões cerimoniais como dedicação de edifícios, elogio fúnebre, despedida ou bem-vinda a personalidades, o retórico contribuía para o brilho da situação.

Outra característica que vimos de Orfeu é que o mesmo consegue agremiar em torno de si vários admiradores. Muitas vezes pessoas das mais diferentes orientações: homens e mulheres bacantes, guerreiros

ros e sátiros, deuses e criaturas infernais, animais e plantas e pedras – todos paravam seus itinerários para ouvir e seguir as melodias de Orfeu.

Este poder em particular – o de formar seguidores – ou simplesmente persuasão, talvez tenha sido o mais fortemente relacionado a Orfeu por Platão. Porque esta é uma das características mais forte dos sofistas e, numa democracia direta como a grega, um dos fatores que mais poder político dava a este grupo de retóricos em detrimento daqueles como Platão que buscavam orientar a cidade pela verdade.

Os sofistas ensinavam técnicas de persuasão para os jovens, que aprendiam a defender a posição ou opinião, depois a posição ou opinião contrária, não há, de modo que, numa assembleia, soubessem ter fortes argumentos a favor ou contra uma opinião e ganhassem a discussão. (CHAUI, 2000, p. 43).

Dessa forma vemos que os sofistas não davam atenção à busca pela compreensão da natureza, do universo e da origem das coisas, mas sim concentravam seus esforços demonstrando que seriam capazes de tornar seus estudantes melhores nas suas atividades gregas, para que assim pudessem prosperar na sociedade grega.

Esse conflito entre a filosofia e outras forças de conhecimento como a retórica e a persuasão é aberto nos textos de Platão quando este se posiciona em relação à poesia. E aqui novamente Orfeu é mencionado como um ícone a ser referenciado, seja para simbolizar um aspecto específico, seja para tomar como polo de oposição. Para Platão a poesia não pode ser considerada uma arte voltada para o Bem, apenas uma espécie de simulacro distante da verdade e da justiça. Para ele a poesia é uma atividade danosa ao corpo político, pois faz com que as pessoas aprendam maus exemplos conduzindo-as à corrupção.

Na citação do “Banquete” Orfeu é posto como exemplo de amor covarde. Ao descer vivo ao Hades para buscar Eurídice, Platão vê nesta cena um dos exemplos pejorativos que a poesia contém. O amor que não se sacrifica, que põe seu bem pessoal acima do outro, não alcança a máxima expressão de si. O amor que não vai até as últimas consequências para se realizar, enfim, o amor em sua forma egoísta e que depende do outro para se manter, jamais dará ânimo e forças para o prisioneiro sair da caverna (de acordo com a tão famosa alegoria...). Este amor baixo, sensual, medroso, que não se lança em busca do objeto amado – este amor é o de Orfeu – aqui, símbolo da poesia.

Igualmente condenável na poesia é a experiência de “perda de si” que os poetas demonstram. Este “êxtase” ou “entusiasmo” afeta a racionalidade e joga por terra a capacidade da alma teórica do homem. Novamente Orfeu é alçado à condição de exemplo de “força divina” que sobrepõe o poder da música e da poesia sobre as mentes humanas e mortais.

Seja diante de monstros como o cão de três cabeças Cérberus, seja diante dos deuses Hades e Perséfone, Orfeu consegue sobrepujar a vontade alheia através de seu canto encantatório. Os poetas são famosos por recorrerem às Musas para que estas lhe “abençoem o canto”, e isto mostra como Platão enxerga o personagem mítico aqui: tal como as Musas, Orfeu confere “poderes” a quem o invoca e, pela presença destes, a alma é “arrebataada” e passa a ser outra que não ela mesma.

Tanto estas características da poesia quanto aquelas da retórica e da persuasão são, para Platão, nocivas. A Filosofia é a forma mais perfeita de expressão do homem e precisa de uma ferramenta para lidar com suas “adversárias”. Para isto o filósofo cria a “dialética”.

A dialética tem como objetivo chegar à verdade de uma determinada tese ou afirmação; a dialética consiste em um intenso diálogo em que as pessoas fazem uma série de perguntas e dão respostas um ao outro. Se depois de tanto discutir não chegarem a um acordo, isso significa que a tese é falsa; ou se, porém,

chegarem a um consenso e aceitam como válidos os argumentos empregados, é porque a tese é verdadeira e chegaram a uma verdade.

A dialética para Platão é a verdadeira retórica, seu compromisso é com a verdade e busca revelar a essência das coisas do tema proposto para discutir. A dialética respeita o comunicador como um ser racional, capaz de analisar, avaliar a mensagem transmitida, criticar, ao contrário de aceitá-la passivamente. Justamente por isso Platão defende a dialética como forma de comunicação que tem como objetivo o conteúdo profundo e significativo das coisas. A retórica dos sofistas é falsa e a verdadeira retórica é a dialética, pois de acordo com Platão a comunicação é aquela onde o público ouve e pode se expressar ao invés de meramente seguir.

Conclusão

Concluimos este trabalho com uma pergunta retórica: a partir do exposto sobre o pensamento de Platão, terá Orfeu sido um sofista? Há diversas respostas para essa pergunta, poderíamos dizer que “não”, pois Platão em nenhum momento disse que Orfeu era nem ao menos semelhante aos sofistas. Ou poderíamos dizer que “sim”, pois a atitude de Platão em citar o nome de Orfeu em contextos nos quais acusava características dos sofistas, nos autoriza a pensar isso.

As passagens platônicas que citam Orfeu demonstram de que foi um mito importante para ser falado e usado como referência literária e poética. Há sempre uma menção pela sua arte de tocar instrumentos e cantar, além de aspectos emocionais como amor e coragem. A mais forte característica, e que se assemelha aos sofistas, está na forma como ele pode seduzir as pessoas e fazer com que as sigam. Toda essa menção é clara, e faz com que tiremos claras evidências que Orfeu poderia ter sido um sofista com poderes divinos; contudo o mito não se presta a este reducionismo e nosso trabalho aqui consiste em pensar estas relações para entender melhor Platão, e não para categorizar Orfeu.

Está claro que Platão fez uma forte defesa do espiritual sobre o material, do super-sensível sobre o sensível. E neste ponto todos os elementos que se ocuparam das sensações e das experiências fenomênicas (os sofistas com a retórica e Orfeu com a música) foram tidos como adversários filosóficos a serem batidos.

A diferença entre os sofistas, de um lado, e Sócrates e Platão, de outro, é dada pelo fato de que os sofistas aceitam a validade das opiniões e das percepções sensoriais e trabalham com elas para produzir argumentos de persuasão, enquanto Sócrates e Platão consideram as opiniões e as percepções sensoriais, ou imagens das coisas, como fonte de erro, mentira e falsidade, formas imperfeitas do conhecimento que nunca alcançam a verdade plena da realidade (CHAUÍ, 2000, p. 46).

Há diversos níveis na resposta à pergunta que elaboramos para concluir este trabalho. Não podemos nos esquecer no uso estritamente literário que fez Platão do nome de Orfeu. Aliás, nos momentos que o fez, soube representar o mito com fidelidade. Da mesma forma, quando citou o personagem enquanto mito não hesitou em compará-lo às Musas e até mesmo a Homero, em clara deferência pela excelência dos personagens mencionados.

Concluimos então que Platão usa o nome de Orfeu para designar: a) poderes encantatórios divinos *semelhantes* aos que os sofistas possuíam pela retórica; b) a capacidade de juntar pessoas em volta dele *semelhante* aos que os sofistas também conseguiam; c) o hábito de discursar ou proferir cantos e discursos públicos *semelhante* aos feitos pelos sofistas. Mas ao lado destas semelhanças temos características completa-

mente únicas em Orfeu como a) ter natureza divina e imortal; b) ser o fundador de aspectos da vida grega; c) ir e vir ao Hades e subjugar feras.

Referências

CHAUÍ, Marilena. (1994). **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

EURÍPIDES. (431 a.C.). **Medéia**. Versão digital distribuída por www.oficinadeteatro.com. Disponível em: <https://artedramaticacep.files.wordpress.com/2015/07/medeia.pdf>. Último acesso em: 22/10/2019. Sine data.

GRIMAL, Pierre. (1966). **Dicionário de mitologia grega e romana**. Tradução de Victor Jabouille. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

JAEGER, Werner. (1936). A sofística como fenômeno da história da educação. In: _____. **Paidéia: A Formação do Homem Grego**. Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PÍNDARO [Odes píticas (V a.C.)]; EURÍPIDES [As bacantes (405 a.C.)]; PSEUDO-PLUTARCO [Sobre a música (II d.C.)]; ÉSQUILO [Os persas (472 a.C.)]. In: CARDERARO DOS SANTOS, Lidianne Carolina. **Do encanto à hybris: Representações de seres mitológicos com atributo musical na pintura de vasos gregos**. 2015. 199 f. Orientadora Luísa de Nazaré Ferreira. Dissertação (Mestrado em Estudos Clássicos). Coimbra: U.C. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/30849>. Último acesso em: 22/10/2019.

PLATÃO. (IV a.C.). **Protágoras**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2002.

_____. (IV a.C.). **Íon**. Tradução de Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (Coleção Filo-Estética).

_____. Diálogos [**Banquete; Leis; República**(IV a.C.)]. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores)

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. (1986). **História da filosofia: filosofia pagã antiga**. Tradução de Ivo Storniolo. v. 1. São Paulo: Paulus, 2003.

VÍRGILIO. (V d.C.). **Bucólicas y Geórgicas**. Presentadas, anotadas y traducidas por Julio Picasso Muñoz. Lima: Fondo editorial UCSS, 2004.

Artigo recebido em: 12 de janeiro de 2020

Artigo aceito em: 27 de fevereiro de 2020